

## **Jornalismo e literatura: critérios de noticiabilidade e valores-notícia em narrativas da *belle époque*<sup>1</sup>**

Aline da Silva NOVAES<sup>2</sup>

Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), Rio de Janeiro, RJ

Universidade Estácio de Sá (UNESA), Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

É sabido que os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia servem como matrizes para se pensar as produções jornalísticas. Nesse sentido, este trabalho propõe usá-los para analisar textos publicados na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX, época em que a função do jornalismo era exercida pelos chamados “homens das letras”. O foco, então, recai sobre as reportagens de João do Rio, pseudônimo utilizado por Paulo Barreto, escritor-jornalista, como bem definiu Carlos Drummond de Andrade em sua coluna no *Jornal do Brasil*, publicada em 13 de agosto de 1981. Acredita-se que, ao registrar as mudanças operadas na *belle époque* carioca e seus impactos, Paulo Barreto se coloca como um homem de imprensa e demonstra compreensão do que, posteriormente, ficou definido como critérios de noticiabilidade e valores-notícia.

### **Palavras-chave**

Críticos de noticiabilidade; valores-notícia; jornalismo e literatura; *belle époque*; João do Rio.

### **Apresentação**

Este artigo é um desdobramento do trabalho “A imprensa na *belle époque* e a construção de um lugar de enunciação”, apresentado no ano passado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Era o início do meu interesse em relacionar a produção de João do Rio, meu objeto de estudo nos últimos anos de pesquisa, às Teorias do Jornalismo. É inegável que tal motivação deve-se a minha participação no grupo de pesquisa “Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais”, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, iniciada durante meu pós-doutoramento, em 2015.

Ao lançar um breve olhar para a imprensa do Rio de Janeiro do início do século XX, verificamos a crônica atravessada pela reportagem e os escritores travestidos de repórteres. No que se refere a Paulo Barreto (João do Rio), percebemos a força de seu viés jornalístico

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Pesquisa Produtividade da UNESA.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, professora do Curso de Comunicação Social da UNESA/RJ e IBMEC/RJ.

em textos sobre os excluídos e as mazelas da sociedade da época. Foi, portanto, o embrião para, agora, realizar um estudo exploratório da produção do escritor-jornalista a partir dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia.

É importante, no entanto, salientar que não se trata de colocar o repórter e seus escritos em uma “camisa de força”, mas sim de entender e ler sua produção jornalística como contemporânea, no sentido que propõe Giorgio Agamben, e experimentar o diálogo entre os critérios de noticialidade, bem como os valores-notícia, e o jornalismo do início do século XX. Para isso, nossa proposta é, inicialmente, realizar uma revisão desses critérios e valores à luz de pesquisas de Gislene Silva, Leonel Aguiar, Marcos Paulo da Silva e Nelson Traquina. O passo seguinte será contextualizar o marco temporal deste estudo e localizar a produção jornalística de Paulo Barreto, reconhecendo sua relevância e peculiaridade. Por fim, estabeleceremos relações entre as teorias do jornalismo e o *corpus* selecionado. Nosso esforço se dará no sentido de verificar se e como esses critérios e valores já eram matrizes do exercício do jornalismo brasileiro há mais de um século.

### **Critérios de noticiabilidade: uma revisão**

Em *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*, Nelson Traquina comenta sobre o novo jornalismo, chamado *penny press* (1830 – 1840). A possibilidade de denúncia de abusos e problemas políticos atrelada ao exercício em prol da cidadania marca essa fase, cuja independência do ofício do jornalismo já era notada. A liberdade se deu em função da comercialização das edições de jornais, que, antes, eram vinculados a interesses políticos. Há, portanto, como nos mostra Traquina, uma mudança do foco, antes para os políticos, agora para os leitores. A notícia se torna um produto, os fatos se sobrepõem às opiniões.

A valorização dos fatos é evidenciada, na literatura, pela figura do detetive. No jornalismo, pelo repórter. Ambos desdobramentos do *flâneur*<sup>3</sup>, figura parisiense do século

---

<sup>3</sup> Para Walter Benjamin (1994), o surgimento da figura do *flâneur* está relacionado à mudança na própria estrutura da urbe que implicou, por exemplo, o alargamento de calçadas e construção de galerias. O espaço urbano que surgia possibilitou a atividade do *flâneur*. Benjamin revela ser a rua a moradia desse tipo; os muros sua escrivaninha; a banca de jornal sua biblioteca. Passando os dias a caminhar, o *flâneur* reinventa o espaço coletivo e é parte fundamental do processo de legibilidade da cidade. É ele que vai fuçar a cidade, desdobrá-la, desvendá-la para, em seus escritos, deixar marcada a narrativa dos lugares, que Michel de Certeau define como “histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como história à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas (...)” (CERTEAU, 2003, p. 189). A *flanerie*, além possibilitar a experiência de todo o espaço íntimo do caminhante, faz parte de um processo de difusão de conhecimento. O *flâneur* experimenta, observa e transmite a cidade que se deixa ler. Julio Ramos (2008) corrobora para tal pensamento ao assegurar que “(...) o flunar não é simplesmente um modo de experimentar a cidade. É um modo de experimentá-la, olhando e contando o que se viu. Ao flunar, o sujeito urbano, privatizado, se aproxima da cidade como quem vê um objeto

XIX, que se opunha ao mundo do negócio. As três figuras se assemelham pela forte relação com o espaço urbano. É no ato de percorrer as ruas que ambos encontram seu exercício e o sentido para tal.

No que se refere ao jornalismo, fica a questão: o que acontece nas ruas, nas cidades, quais são os fatos que devem estar nas páginas dos jornais? Quais são os critérios que os repórteres utilizam para selecionar as notícias? Esses são os questionamentos que nos movem a colocar em diálogo reflexões de pesquisadores dedicados a investigar os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia.

No artigo “Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade”, Marcos Paulo da Silva parte do lugar comum para propor sua reflexão sobre o que é ou não notícia ao relembrar que uma mordida de cachorro não possui nenhum valor informativo, como evidenciou o norte-americano Charles Anderson Dana (1819-1897). Nessa linha, a fim de discutir a ideia de noticiabilidade, área central da Teoria do Jornalismo, o pesquisador traz, também, a concepção de “desvio”. De acordo com ele, essa concepção – associada a uma ruptura, como a própria semântica revela – irá auxiliar o repórter na escolha das notícias. Nesse sentido, outro autor lembrado é Tobias Peucer, que, em 1690, publica o primeiro texto, a tese *De Relationibus Novellis*, considerado uma representação da ideia de desvio. Para ele, as notícias deveriam sempre tratar de eventos recentes; relevantes fatos históricos; assuntos de importância cívica; tragédias; fatos incomuns e acontecimentos com pessoas públicas e famosas.

Ao retomar as formulações do sociólogo Herbert Gans, Silva propõe quatro grupos para pensar a origem da notícia. São eles: julgamento subjetivo; *gatekeeping*; teorias do espelho e as “forças oriundas do exterior das organizações jornalísticas” (SILVA, M., 2014, p. 28). Com o mesmo propósito, o pesquisador recorre ainda à síntese de Sousa (2004). A partir dessa, aponta que notícias são

---

em exibição” (RAMOS, 2008, p. 148). No mesmo diapasão, o autor apresenta o conceito intitulado retórica do passeio como “a narrativização dos segmentos isolados do jornal e da cidade representada, frequentemente, em função de um sujeito que, ao caminhar pela cidade, traça o itinerário – um discurso – no *discorrer* do passeio” (Ibidem, p. 146). É importante observar que esse modo de representação da cidade surge, especificamente, no final do século XIX. Antes disso, o que se tinha, segundo Ramos, era o olhar totalizador, marcado pela distância entre o sujeito e o espaço representado. Nessa visão panóptica, o sujeito narra, do alto, a heterogeneidade da urbe. O passeio surge como uma alternativa mais capaz de ordenar a cidade, já que, nessa tipologia de representação, o caminhante sai do seu interior para estabelecer relações na cidade desordenada. Além de constituir uma ordenação, possibilitada também pela própria cidade que provê meios para tal objetivo, como já sinalizou Benjamin, o sujeito constrói e consolida identidades e classes. Para Ramos (2008), retórica do passeio. Para Michel de Certeau (2003), jogo dos passos ou enunciação pedestre. Ambas as denominações se referem a essa operação de vagar que busca captar o que o mapa da cidade deseja transmitir e, além disso, reordenar o espaço urbano. Sobre isso, menciona Certeau: “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade” (CERTEAU, 2003, p. 176). São as nomeadas por Certeau de “figuras ambulatórias”, através do processo do caminhar, que vão produzir os discursos fragmentários sobre essa cidade que se apresenta múltipla.

relatos expositivos e escritos; sobre singularidades; selecionados entre vários relatos possíveis, segundo a sua importância; condicionados por fatores como o tempo; que se orientam para os acontecimentos; e que são novos, isto é, oferecem novidades, o que satisfaz a curiosidade humana. (SILVA, M., 2014, p. 32)

A respeito desses dados que nos ajudam a superar a concepção da seleção de notícia pela subjetividade do jornalista, Leonel Azevedo de Aguiar nos oferece significativa contribuição em “Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo”. Ao discorrer sobre a notícia, Aguiar traz os estudos de Tuchman e pontua quais as três obrigações que precisam ser cumpridas pelos jornais. Primeiramente, em meio a inúmeros fatos, é preciso reconhecer qual pode ser considerado um acontecimento notável. Depois, a tarefa é o relato, mais especificamente, a forma desse relato. Por último, a organização do trabalho.

Na linha do pensamento de Tuchman colocado por Aguiar, Gislene Silva refletiu sobre os critérios de noticiabilidade. O sistema proposto pela autora é baseado em três pilares: inicia com a origem do fato (conflito, tragédia, proximidade etc), seguindo para o tratamento dos fatos (hierarquia e produção da notícia) e, por fim, temos a visão dos fatos (fundamentos ético-epistemológicos).

Em “Para pensar critérios de noticiabilidade”, antes de iniciar sua reflexão, Gislene Silva situa o leitor sobre seu ponto de partida acerca de sua compreensão sobre noticiabilidade:

todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, G., 2014, p. 52)

A partir dessa concepção, a pesquisadora sinaliza sobre a importância de pontuar as distinções entre os conceitos de noticiabilidade, valores-notícia e seleção de notícias, já que os três não são sinônimos. Nesse sentido, pontua que valores-notícia e seleção de notícia estariam dentro do conceito de noticiabilidade, considerado, por ela, mais amplo.

Leonel Aguiar também demonstra preocupação ao demarcar esses conceitos. Para o autor, “se a noticiabilidade é um conjunto de critérios e operações que controla a quantidade e qualidade dos acontecimentos, com a finalidade de selecionar os que serão produzidos

como informação jornalística, a sua aplicação está baseada nos valores-notícia” (AGUIAR, 2014, p. 227).

Esses valores-notícia servirão de matriz para inúmeros estudos do campo da Teoria do Jornalismo. Ciente disso, Gislene Silva propõe uma tabela<sup>4</sup> de doze valores-notícias para auxiliar as análises: Impacto; Proeminência; Conflito; Tragédia/drama; Proximidade; Raridade; Surpresa; Governo; Polêmica; Justiça; Entretenimento/curiosidade; Conhecimento/cultura.

Esses valores-notícia ajudarão na seleção de notícia, que, vale lembrar, está relacionada ao conceito de *gatekeeper*. Gislene Silva ressalta a importância das etapas dessa seleção. A primeira é dedicada a selecionar o que é a notícia. A segunda à hierarquia. Nesta, o importante é o lugar que cada notícia irá ocupar em virtude de sua relevância. Passa, portanto, por uma avaliação dos valores-notícia de cada uma, associada ao tratamento do fato. Essas etapas são também denominadas de valores-notícias de seleção e valores-notícias de construção, como apontou Aguiar ao recordar as contribuições de Wolf (2003).

A partir do breve estudo realizado sobre os critérios de noticiabilidade, assim como dos valores-notícias, podemos observar se e como esses conceitos aparecem em textos escritos por João do Rio no início do século XX. Não podemos, no entanto, perder de vista que os “jornalistas possuem ‘óculos especiais’ através dos quais veem certos acontecimentos e não outros – ‘e veem de certa maneira as coisas que veem’.” (BOURDIEU *apud* AGUIAR, 2014, p. 232). Aguiar decifra a metáfora de Bourdieu ao nos mostrar que esses óculos são os valores-notícia. São eles que vão auxiliar na seleção e construção das narrativas jornalísticas. Fica, então, a pergunta: quais são os óculos utilizados por João do Rio? Antes de respondê-la, é fundamental entender a relevância desse homem das letras e da imprensa, além do momento histórico em que viveu e ao qual se dedicou.

## O escritor, o jornalista, a cidade

Em 13 de agosto de 1981, Carlos Drummond de Andrade, publica, em sua coluna no “Caderno B”, no *Jornal do Brasil*, o texto “João do Rio na vitrina” em comemoração ao centenário do nascimento do escritor do início do século XX. Além de ser uma homenagem ao escritor-jornalista, a crônica é um convite para a exposição realizada pela Biblioteca

<sup>4</sup> Ver a esse respeito em SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs). *Crítérios de noticiabilidade - problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 65 e 66.

Nacional. No entanto, o que nos interessa é como Drummond, um homem que serviu às letras e ao jornalismo, percebe a herança deixada por Paulo Barreto. “Os méritos literários de João do Rio ficam assim limitados pela rapidez de sua carreira e pelas inquietações que o cercavam”, afirma ao refletir sobre a condição literária e jornalística. Para o escritor moderno, João do Rio é um “investigador impressionista”, que, pautado pela objetividade inerente ao jornalismo, “recorre à estilização do fato, apresentando flagrantes que oscilam entre a reportagem e o conto”.

Entre o exercício do jornalismo e da literatura de Paulo Barreto, Drummond fica com o primeiro: “(...) muitas de suas melhores páginas foram geradas em função do trabalho na redação, que para ele era criativo e desafiante. Fora do ambiente de jornal, seria talvez mais um escritor de gabinete, frio e sem alma”. Independente da modalidade de composição textual utilizada – isto é, conto, crônica ou reportagem – em João do Rio, nos fala Drummond, pulsam notícias, sejam essas a respeito da cidade, do mundo, do crime, da beleza, do trabalho, e de todas os demais interesses de uma edição de jornal, que constituem os critérios de noticiabilidade.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome de batismo do escritor, nasceu no Rio de Janeiro em cinco de agosto de 1881 e estreou na imprensa antes de completar seus 18 anos. Durante a carreira profissional, além dos 26 livros publicados, colaborou em diversos jornais e revistas da época como *A Tribuna*; *Gazeta de Notícias*; *Correio Mercantil*; *O Paiz*; *A Ilustração Brasileira*; *A Revista da Semana*; entre outros. Em seus textos, abordava diversos assuntos. A peculiaridade, no entanto, deu-se em virtude dos relatos que fazia da cidade incorporada na denominação que o eternizou: João do Rio.

Ao iniciar suas atividades na imprensa no jornal *A Tribuna*, em junho de 1899, usa seu próprio nome como assinatura. No mesmo mês, em *A Cidade do Rio*, surge P. B., já evidenciando o início do mistério da autoria e do jogo de máscaras. A ficção é exacerbada dois meses depois com Claude, na coluna *Crítica Literária*, em três de agosto de 1899, ainda em *A cidade do Rio*.

A partir daí, em diferentes jornais cariocas, mescla essas assinaturas com outras novas, como P.; João Coelho; Caran D’Ache, essa última seria uma “homenagem ao caricaturista francês homônimo” (GOMES, 2005, p. 17). Na *Gazeta de Notícias*, para a qual escreveu de 1903 a 1915, surgem: X, Joe e Paulo José. Quando passa a colaborar em *O Paiz*, assina como José Antônio José e Joe.

Merece destaque o pseudônimo João do Rio, que aparece pela primeira vez em 26 de novembro de 1903 na página da *Gazeta de Notícias* com a publicação do texto intitulado “O Brasil lê”. Estudiosos da obra do escritor apontam que a inspiração seria Jean Lorrain, do francês Paul Duval. A certeza é a de que “Daí por diante, o nome que fixa a identidade literária engole Paulo Barreto. Sob essa máscara publicará todos os seus livros e é como granjeia fama. Junta ao nome o nome da cidade” (Ibidem, p. 17).

É interessante notar que a prática de adoção de pseudônimos por parte de Paulo Barreto se faz presente nas produções para os veículos de imprensa. Em seus livros, o autor não é Paulo Barreto, seu nome de batismo, tampouco um dos demais pseudônimos. É João do Rio, o homem da cidade, a identidade construída a partir da relação com o espaço urbano. A cidade do Rio de Janeiro, em transformação, apresenta-se como matéria-prima para o repórter-cronista. Dessa forma, ora produz como um homem de imprensa, ora como um homem de letras.

É o espaço urbano, “campo da própria significação”, como refletiu Julio Ramos em *Desencontros da Modernidade na América Latina* (2008), que Paulo Barreto trazia em seu pseudônimo, que acabou por o eternizar. A cidade seduzia o cronista e o convidava para vagar sem destino pelas ruas. E foi, para o escritor, o amor incondicional pela cidade, a razão de tantas narrativas cotidianas, fundamentais para se compreender melhor a *belle époque* carioca.

O início do século XX foi uma época marcada por grandes mudanças urbanas. As cidades passavam a contar com um novo modelo de ordenamento do espaço que considerava também avanços técnico-científicos e, por consequência, novos hábitos e formas de sociabilidade foram criados e até mesmo impostos. A população é apresentada a novidades como o bonde elétrico, os cafés, o automóvel, o saneamento e, além de outras coisas, o cinema. No Brasil, essas transformações foram mais evidentes na cidade do Rio de Janeiro: a metrópole-modelo.

O Rio de Janeiro é apenas uma das tantas cidades do mundo que passou pelo processo de modernização. Angel Rama (1985), ao discutir a formação e a existência das urbes na América Latina, aponta as semelhanças que há entre elas. O autor chega a ser ainda mais radical quando corrobora com as palavras de Thomas More: “Aquele que conhece uma das cidades conhece-as todas, de tal forma elas são exatamente iguais, exceto no que a natureza do terreno impede” (MORE *apud* RAMA, 1985, p. 32). Pode-se dizer que essa igualdade é também notada na própria motivação que leva esses espaços a

transformações, reordenamentos, embelezamento, tornando-os, em alguns casos, vulneráveis a atrocidades, justificadas pela racionalidade técnica e o desejo de um futuro a alcançar.

Essas mudanças no espaço urbano tinham a função de adequar o Rio de Janeiro a uma nova organização do próprio espaço, mas também social, mesmo que para isso fosse necessário tirar de alguns o direito de continuar a viver em suas casas. Na construção da Avenida Central, por exemplo, foram demolidas entre duas e três mil casas. O foco era uma transformação que intensificasse o mercado de importação e com isso aumentasse o reconhecimento internacional. Era necessário, então, esconder as características coloniais e “criar uma nova capital, um espaço que simbolizasse concretamente a importância do país como principal produtor de café do mundo, que expressasse os valores e os *modi vivendi* cosmopolitas e modernos das elites econômica e política nacionais” (ABREU, 2006, p. 60).

O que existiu então foi uma reforma excludente que beneficiou apenas uma parcela dos que viviam naquele momento, isto é, um aburguesamento em detrimento das camadas populares. É possível afirmar que a segregação hoje vigente se iniciou no século XX, tanto no que se refere à favela quanto aos subúrbios cariocas. Desde o referido período, a população de baixa renda ficou fadada a viver sem as benesses oferecidas pelas renovações urbanas. Sem nenhum compromisso e respeito com esses cariocas, o Rio de Janeiro foi sendo urbanizado nos moldes europeus, mais especificamente, parisienses. No lugar da antiga colônia, começou a se levantar uma cidade que se queria moderna.

É importante salientar que, nesse período, outra mudança relevante foi o horizonte técnico. Era a revolução técnico-científica. Artefatos modernos, novos meios de comunicação e locomoção marcaram a nova fase. Essas novidades também apareceram no Rio de Janeiro, corroborando para sua firmação como metrópole e aumentando gradativamente sua importância no contexto internacional. O aparecimento do automóvel, o bonde elétrico, o surgimento do cinema, as novas vestimentas indicavam, portanto, o início de um momento novo e elitista.

As mudanças do início do século XX que transformavam o Rio de Janeiro em uma *belle époque* tropical, como disse Jeffrey Needell (1993), eram registradas por um grande número de pessoas. Obras de escritores e jornalistas que viveram essa época servem como ratificação deste apontamento. Nesse sentido, ressaltamos as produções de João do Rio, que retrataram os acontecimentos do Rio de Janeiro, fossem eles relacionados às reformas urbanas, às atividades culturais ou sociais da *belle époque*.



## João do Rio e o fazer jornalístico

Os conceitos de noticiabilidade e valores-notícia, revisitados no início deste artigo, nos servem, agora, como linha condutora para leitura de textos redigidos pelo escritor-jornalista Paulo Barreto. É importante, para a presente discussão, reforçar o papel dessas crônicas-reportagens no momento histórico em que foram publicadas. Uma nova cidade surgia. Com ela, novos hábitos, novas tecnologias, possibilidades de socialização e a intensificação de uma exclusão histórica. Neste momento, os colaboradores dos jornais eram os chamados homens das letras, sem a formação jornalística. Nos jornais, portanto, a literatura dividia espaço com as notícias e, nesse contexto, o jornalismo se alimentava da ficção enquanto a notícia influenciava a literatura, haja vista a repercussão dos folhetins. A interseção das linguagens jornalística e literária marca a produção de Paulo Barreto, como veremos nas narrativas a seguir.

Conforme mencionado, as mudanças operadas na cidade tinham a função de adequá-la a uma nova organização do próprio espaço, uma tentativa de compor a imagem de uma *urbe* civilizada e moderna. Paulo Barreto se dedica a noticiar essas transformações e suas consequências em textos nos quais percebemos a concepção de desvio, que marca a reflexão de Marcos Paulo da Silva, já presente nos estudos de Tobias Peucer em 1690. Nesses registros, pautados na tabela sugerida por Gislene Silva, verificamos o “impacto”, no sentido do número de pessoas afetadas por esse projeto modernizador, como um dos principais valores-notícia.

Em publicação no dia 18 de agosto de 1907, na *Gazeta de Notícias*, o jornalista apresenta uma descrição dessa cidade, especificamente, do bairro de Botafogo, e destaca o entusiasmo dos que viviam naquele período:

A praia de Botafogo apresenta um aspecto maravilhoso. A grande e esplendorosa avenida cintila de *toilettes* raras, de joias coruscantes de belezas admiráveis. Passam, sem cessar, automóveis caros, carros de luxo numa fila interminável. Sob o sol de inverno, o mar achamalota-se. (...)

- É bem diferente este Rio do que nós suportávamos há cinco anos! Diz ao nosso lado um diplomata. (...)

- E, realmente, é outra coisa. (...) Talvez o grito, o aplauso convençam o governo atual de que é necessário continuar a obra encetada pela direção do conselheiro Rodrigues Alves e por esse velho extraordinário – o Dr. Pereira Passos, que aos 70 anos, depois de reformar uma cidade violentamente, parte para a Europa, corre o Egito montado em dromedários, embarca para o Japão, e trabalha, lê, escreve, sempre

incansável e sempre extraordinário. (*Gazeta de Notícias*, 18 de agosto de 1907)

Paulo Barreto mostra a cidade que surgia, despida das características coloniais e desejava de ser uma nova capital. Acreditando nas benesses dessa modernização, a população esquece o Rio antigo e aposta na continuação das obras.

Em oposição ao deslumbramento em virtude das medidas que visavam à modernização da cidade, também é apresentado o pessimismo, como acontece em texto publicado na mesma edição que registra a transformação do Velho Mercado: “Este mercado, onde não moram mais os mercadores, esse mercado fechado e higiênico pode ser aquela antiga praça centro da miséria, da luxúria viscosa, de tantas e tantas tradições?” (Ibidem).

Nessa linha, é importante trazer para discussão os textos em que foram evidenciados os paradoxos desse processo, já que, no lugar da antiga colônia, começou a se levantar uma cidade que se fez moderna apenas para alguns. Ao discorrer sobre ida à Tijuca, o jornalista evidencia tal afirmação:

(...) não vi senão uma apavorada visão. Uma atmosfera cor de gato maltês sucedeu à primitiva, a marcha do *tramway* tornou-se corrida desvairada, e essa corrida era obstada por arremessos convulsivos de um súbito [*ilegível*]. Damas agarravam os chapéus, cavalheiros baixavam a cabeça sufocados nos bancos. Nos estribos, dependurados, os cidadãos, com medo de cair e com medo de perder o chapéu, grudavam ao balaústre, fazendo uma continência ridícula ao vento de poeira, com a cara contraída e os olhos fechados.

Mas, certo, eu via demais, porque o destino fez-me entrar grãos de poeira nos olhos e eu curvei-me, encolhi, no incômodo atroz, enquanto um bom velho, em chinelas e sem colarinho, cheirando a vacas dizia:

— Que se há de fazer, meu menino? Isto aqui não é irrigado, nem limpo, nem varrido. Tais coisas são boas para Botafogo. Quem mora aqui tem de aguentar. (*Gazeta de Notícias*, 25 de abril de 1909).

Por meio dessa narrativa, percebemos o quanto o bairro da Tijuca estava distante da modernização já presente em outros lugares do Rio de Janeiro. Em determinado momento, o velho declara que “tais coisas são boas para Botafogo”, fazendo referência a cuidados como irrigação e limpeza, que podem ser considerados básicos.

O Rio de Janeiro “esquecido”, marcado pelo passado colonial e pelo perigo, aparece em dois de outubro de 1910:

Em Hospício, Núncio em parte, Alfândega, Senhor dos Passos já não é mais nada disso. Ainda não é bem a rua nova, mas já não é a velha rua. Em Hospício, o quarteirão dos feiticeiros desapareceu. A rua alargou, vieram sobrados. Em Alfândega também. E a gente que lá habita não é nem a carne do vício, nem a negralhada pavorosa dos *opelês* e das *yaou*, mas uma formigante, enorme, pletórica colônia de sírios, de levantinos de turcos-maronitas ou muçulmanos de fé – que têm padarias, armazéns, jornais, casas de negócio, restaurantes, e chefes, chefes de colônia, que são negociantes e coronéis da guarda nacional (*Gazeta de Notícias*, 02 de outubro de 1910).

O texto em destaque revela a impressão diante das transformações. Percebe-se a falta de referências e a busca pela compreensão do que ocorria na época. Em algumas ruas, citadas por Paulo Barreto, mudanças ocorreram. No entanto, pelo que parece, não foram o suficiente para serem consideradas modernas ao passo que também já não tinham os signos da antiga cidade colonial. No que diz respeito à população dos arredores, subentende-se que ficou de fora do chamado progresso.

O valor-notícia “proeminência” é notado em textos sobre a presença de personalidades internacionais no Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro. Em oito de setembro de 1907, publica sobre a vinda de Paul Doümer, que foi eleito presidente da França em 1931:

Ninguém duvida da grande importância que nos dá no exterior a viagem de Paul Doümer ao Brasil. Ocupe-se a França definitivamente e diretamente um pouco com a nossa vida, seja na simples posição de espectador, nós seremos um povo aceito. É possível progredir, caminhar, conquistar a independência de cérebro, o vigor da força bruta, sem o auxílio da atenção da França. Entrar, de fato, no convívio internacional é que não. A França no mundo é como, na sociedade, certas casas onde é preciso ser bem recebido para entrar depois em todas as outras dando honra.

(...) Daí, desde que o tratemos e lhe mostremos os nossos atestados de civilização, como o temos mostrado, a certeza de uma repercussão mundial dessa visita, como raramente se dá com a espécie. (*Gazeta de Notícias*, 08 de setembro de 1907)

O mesmo valor-notícia aparece em 15 de setembro de 1907, quando Paulo Barreto traz à memória a notória apreensão para receber Mme. Toché<sup>5</sup> que, ao voltar para França, escreve um texto que “fala, com uma justeza, uma verdade, um carinho digno da nossa

---

<sup>5</sup> Segundo informações da edição de 15 de setembro de 1907 do jornal *Correio Paulistano*, Mme. Toché foi colaboradora do *Gil Blas*, periódico literário francês. A visita ao Brasil tinha alguns interesses. Entre eles, destacam-se fazer propaganda, ser recebida pelo ministério e promover uma conferência.

gratidão, do Brasil” (*Gazeta de Notícias*, 15 de setembro de 1907), ao ressaltar o progresso, a elegância, a vida social e política.

Em relação ao cenário nacional, marcam presença, em seus textos, nomes ligados à literatura, pintura, teatro, imprensa e política da época. Em cinco de abril de 1908, aparece o presidente da Câmara Carlos Peixoto. No dia seis de setembro de 1908, elogia o ministro Miguel Calmon que muito alcançou, mas quando se formou, “descendente de uma família de estadistas notáveis, tinha a ambição apenas de fazer uma grande estrada de ferro” (06 de setembro de 1908). Outros lembrados foram os diplomatas Cardoso Moreira (04 de outubro de 1908) e Reynaldo de Silva e Lima (15 de novembro de 1908). Em 17 de maio do mesmo ano, o contemplado de uma das crônicas foi o conde Fernando Mendes de Almeida, “uma das figuras mais conhecidas, mais evidentes do mundo carioca”. Paulo Barreto, algumas vezes, o acompanhou pelos teatros. A partir desses encontros, revelou que o “conde entra, sorri, diz duas ou três frases amáveis, assiste distraidamente um pedaço do ato, sai, entra em outro, dá dois dedos de prosa, e a sua palestra é um tecido de humor e de encanto” (17 de maio de 1908).

Figura que despertou curiosidade em Paulo Barreto e não pode ser esquecida é a do Sr. Paranhos, diretor do Ginásio Nacional. Sempre tentando aparecer, o diretor “cheio de qualidades na posição modesta de reitor de um estabelecimento de ensino, não esteve com meias medidas, foi logo ao ‘*looping de loup*’, ao salto do abismo para saltar à admiração geral. Nisto é que está a bizzarria” (19 de abril de 1908). Logo que assumiu a direção do Ginásio, revolucionou; e os jornais chegaram a comparar a instituição de ensino com o Colégio Militar. Além disso, surpreendeu a todos quando revelou o desejo do Ginásio voltar a ser chamado de D. Pedro II.

Paulo Barreto também relembra “a figura esplêndida de José do Patrocínio” (17 de maio de 1908) e, referindo-se ao centenário da imprensa, afirma que desapareceu o respeito às grandes datas. Outro nome destacado na coluna foi o de Alcindo Guanabara. Em conversa com Irineu Marinho, é lembrado dos 25 anos de jornalismo desse homem que “é simplesmente admirável e não há, amando a profissão, quem não o respeite como o grande e o primacial” (14 de junho de 1908). Desejam, então, que as bodas de prata de Alcindo com a imprensa sejam “uma festa nobilitante e cheia da esperança e do orgulho de todos nós” (Ibidem).

O valor-notícia “conflito” é observado em texto com informações sobre a Revolta da Chibata (27 de novembro de 1910). Insatisfeitos com os maus-tratos, os marinheiros se

unem e resolvem protestar. O relato é sobre o momento de tensão da população do Rio de Janeiro em função do movimento liderado pelo negro João Cândido que exige melhores condições de trabalho – entre elas, o fim da chibatada, prática do período imperial – e, por fim, o debate sobre anistia.

Ainda tomando como base os valores-notícia elencados por Gislena Silva, pinçamos exemplos de textos ligados à cultura, seja livros, peças, apresentações musicais ou artes plásticas do início do século XX. Nesses escritos, Paulo Barreto relata e, por vezes, mostra sua impressão dessas manifestações culturais que passaram a fazer parte da vida social dos cariocas da *belle époque*. Em 15 de agosto de 1910, o tema é o espetáculo *Grand Guignol*, encenado no Teatro Municipal, local que já era um dos ícones da modernidade. A peça, segundo o jornalista, foi assistida por grande número de pessoas todas as noites. Em 16 de maio de 1909, foi a vez de *Muralha*, de Coelho Neto, que foi encenada em italiano pela atriz Clara Della Guardia.

Os eventos musicais também marcaram presença. No dia três de novembro de 1907, por exemplo, Paulo Barreto escreve sobre o Centro Musical do Rio de Janeiro, que recebe uma “respeitável classe de músicos”. No local, era realizado o *four-o'-clock concert*, segundo ele, um programa delicioso comandado por um regente admirável: “Kabelick. Duas companhias líricas. Giraldoni. O Da Rosa. Sete óperas novas, quarenta óperas, quarenta óperas velhas. Luiz de Castro, Wagner, Guanabara. Estamos no nosso elemento” (*Gazeta de Notícias*, 03 de julho de 1910).

O valor “Entretenimento” também aparece em textos de Paulo Barreto. O carnaval é tema do dia oito de março de 1908, quando é revelado o outro lado da diversão, o lado das preocupações que nenhum folião demonstra ter durante os dias de festa, mas que faz parte da realidade. Atenta o escritor para o cansaço e a fadiga ao acordar na quarta-feira de cinzas. Neste instante, o pensamento, assegura ele, vai para a quantia usada para financiar tanta diversão e, em consequência, vem a pergunta irônica: “por que fui eu estragar dinheiro e saúde sem me divertir lá essas coisas?” (*Gazeta de Notícias*, 08 de março de 1908).

Já que a discussão diz respeito a paixões brasileiras ainda muito presente, finalizaremos nossa discussão com o valor-notícia “esporte”, ou melhor, com futebol. Em 12 de julho de 1908, o jornalista relata que, em todos os lugares, só se falava na derrota para a Argentina. Acaba, então, por concluir que o futebol é “o mais admirável dos jogos”, “a nevrose na precisão”, “a força potente na nevrose”, é enfim “a batalha”. Depois de uma semana, outra derrota. Paulo Barreto parece não acreditar, pois “queria com alma que os

brasileiros ganhassem” (19 de julho de 1908). No final das contas, atribui a derrota à falta de treinamento e de disciplina do time.

### **Considerações finais**

Os conceitos formulados e consolidados pelo campo da Teoria do Jornalismo são fundamentais para se pensar os processos de produção e as narrativas jornalísticas. Não à toa, eles nortearam a discussão, aqui, apresentada. Nesse sentido, é interesse percebê-los como matrizes de textos produzidos há mais de cem anos, época em que o jornalismo era bem diferente do que hoje se apresenta. Percebemos, portanto, que são duradouros os critérios presentes na prática e na técnica de produção do jornalismo.

Por fim, é importante reiterar que este estudo exploratório se assume como uma experimentação de análise de textos redigidos no início do século XX à luz da Teoria do Jornalismo. Consideramos que, em virtude das possíveis associações entre o *corpus* selecionado e os conceitos de noticiabilidade e valores-notícia, seria pertinente uma pesquisa mais aprofundada que incluísse outras produções de Paulo Barreto, um homem das letras que, ao se colocar à disposição dos acontecimentos, tornou-se, também, um homem de imprensa.

### **REFERÊNCIAS**

- ABREU, Maurício de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesbo. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGUIAR, Leonel Azevedo de. **Crítérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo**. In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs). **Crítérios de noticiabilidade - problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.
- AZEVEDO, André Nunes de. **A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana**. Revista Rio de Janeiro. Vol. 1, n. 10. mai/ago 2003. Ed. UERJ/LPP.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BENJAMIN, Walter. O flâneur. In.: **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo – Obras Escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 9 edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. Volume 1.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. **João do Rio** / por Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOVAES, Aline da Silva. **João do Rio e seus cinematographos**: o hibridismo da crônica na narrativa da *belle époque* carioca. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2015.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RIO, João do. **Cinematographo**: crônicas cariocas. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: \_\_\_\_\_ (org). **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs). **Críticos de noticiabilidade** - problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade, In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs). **Críticos de noticiabilidade** - problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRAQUINA, Néilson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. v1. Florianópolis: Insular, 2005.

### Periódico

ANDRADE, Carlos Drummond. João do Rio na vitrina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, 13 ago. 1981.